

Quando o parceiro se faz fumaça

Marcela Antelo¹

A primeira quarta-feira que inaugurou as reuniões semanais de Freud e seus discípulos girou em torno do tabaco. Paradoxalmente, a única voluptuosidade com a qual o sujeito moderno poderia surpreender o antigo, o fumar, deixou rapidamente de ocupar os analistas, apesar do crescimento continuado do seu consumo e do avanço vertiginoso do combate que lhe é feito. A 'visibilidade do mal' produzida pela ciência entra em curto circuito com a oferta

'vilã' da indústria, gerando, isso sim, múltiplos comitês de ética. Por isso, se o sintoma vai até a Coisa, a Coisa Tabaco, como Lacan gostou de chamá-la, o faz atravessando a barreira do bem e, hoje, essa evidência é incessantemente produzida.

Os escritos psicanalíticos sobre o ato de fumar e sua função sintomática crescem até os anos 20 e depois desaparecem. A Coisa Tabaco desapareceu na fumaça, foi empacotada e encaixotada no lugar do já pensado. Este assassinato simbólico foi produzido com o instrumento falo, abrindo para um abismo de significações, de equi-valências simbólicas infinitas que capitonam sempre no mesmo lugar: o auto-erotismo, quando o par se desvanece na fumaça - em seu sentido metafórico - e o sujeito é feliz fazendo Um.

Lacan nos permite pensar como, pelo encontrão com a Coisa, "[...] rompe-se o matrimônio do corpo com a coisinha de fazer xi-xi". O sujeito do gozo fumador não é um idiota e, apesar de fazê-lo sozinho, não se trata de um gozo fálico. A esse respeito, Miller anuncia um novo casamento para o sujeito contemporâneo, em que o par é o objeto mais-de-gozar e o Outro é descartado. A pergunta pelo caráter operativo do falo na toxicomania dirige sua investigação

para o gozo auto-erótico e, nove anos depois, talvez possamos abrir outro maço. A psicopatologia do fumante, sua toxicomania que vemos chegar, que ocupa dezenas de sites na Internet, não é mel de nosso interesse, mas sim “o objeto droga, que concerne menos ao sujeito da palavra que ao sujeito do gozo, considerando que permite obter um gozo sem passar pelo Outro. Quando, à maneira de um bumerangue, a obtenção do gozo falha o Outro para poder retornar ao corpo do sujeito, deveríamos continuar, ainda assim, falando do objeto, ou falar, em seu lugar, da Coisa? A Coisa droga. Com que Coisa você se droga? Pode-se modular – Coisa Tabaco, Coisa Papel, Coisa Celulóide, Coisa Trabalho e, até, Coisa Campo?

Poder-se-ia investigar, no futuro, a imbricação entre a Coisa tabaco e a Coisa papel: “[...] um cigarro é um pedacinho de tabaco enrolado em uma pequena lâmina de papel de seda” define Théodore de Banville em 1890. Outro francês, Ned Rival, autor de Tabaco, espelho do tempo, afirma que todo o chic de um cigarro repousa em seu papel e nos inteira de mais um detalhe – o tabaco que chega à Espanha é do Brasil. Reis e imperadores monopolizaram o tabaco e deixaram suas insígnias no papel litografado para enrolá-lo. Que se transforme em fumaça o que foi impresso ou estampado, palavras ou imagens, chama a atenção de mais um francês – parece que esta raça tem jeito com a Coisa – Teófilo Gautier, que conta que os espanhóis usam folhas de cadernos com letrillas burlescas e desenhos grotescos, coloridas e perfumadas com licor para preparar cigarros para dandys exóticos. Conforme Klein (1993, p.43) “Consumir cigarros significa, em sua origem, consumir romances, queimando em fumo perfumado as palavras de sonhos e ficções”, afirma, por sua vez, um americano – professor de francês – em quem se pode, literalmente, apoiar a tese: quando o parceiro se faz fumaça.

Em 1895, data que a psicanálise comemora, James B. Duke espalhou a peste no mundo inteiro, quando pôs a máquina Bonsak a serviço da produção industrial de bilhões de cigarros, daí em diante democratizados.

A Coisa tabaco, não suficientemente morta, retorna hoje como o mal-estar da época e para a comunidade analítica em especial, no cigarro e no fumo que fazem ícone do Analista, seus parceiros essenciaia. Freud e seus charutos,

Lacan e seu Culebra torcido, Masotta e seus cigarros, estes últimos, seres de estatuto ontológico denegridos pela vertiginosa evanescência que os torna frívolos. Se fumar é o ato, a cerimônia sacrificial de fazer desaparecer a Coisa Tabaco – recordemos que não há potlatch sem fogo – fumar cigarros é próprio de um Prometeu urgido e moderno.

Freud soube bem fazer-se fumaça no final de sua vida, sabia da redução do analista a resto. Quando perguntado se o Outro podia perdê-lo, respondeu: “de mim só recordarão o poderoso odor de tabaco do meu escritório” e a fumaça do objeto caiu sobre o Eu.

De nossos antecedentes

Quando, em 1909, Freud chegou com sua peste aos Estados Unidos, Abraham Ardem Brill, seu paciente e amigo, esperava por ele no cais. Traduziu, prefaciou e editou Freud num inglês que lhe trouxe severas críticas. Esse pioneiro no tratamento da Coisa tabaco escreveu sobre o odor, o suicídio e o tabaco, lamentavelmente em separado. Leu seu paper, O tabaco e o indivíduo, em abril de 1922, não sobre a parceria que esse par podia sugerir, mas sobre o Um, sobre o tabaco e o Um, ainda que tenha terminado por introduzir a raça.

A primeira surpresa que nos causa a leitura do fundador da Sociedade Psicanalítica de Nova York é a abundância de referências antropológicas aliada ao desconhecimento dos textos da época fundamentais, poéticos, literários e científicos. A segunda surpresa é sua paixão estatística, 400 homens consultados, 46 mulheres, e a desproporção conseqüente.

Com a lupa de suas sete obscuras referências antropológicas, Brill encontra o desfrute do tabaco nas raças subiluminadas e nos baixos estratos sociais. Depois de ensinar-nos que os esquimós inventaram a goma de mascar e, os selvagens, a tendência a consumir o que não é nutritivo, assenta a análise do consumo de tabaco na anaclisis. Brill não esconde seu assombro frente ao mais além do princípio do prazer. Nosso assombro é inevitável frente à intenção que o anima, quer discutir ao senso comum, o poder etiológico do tabaco, “[...] nunca vi” – afirma, amparando-se na autoridade de seus números – “neurose ou psicose causadas pelo tabaco” (BRILL, 1922, p. 430-444).

Nos tempos do cachimbo da paz, arrisca Brill (BRILL, 1922), fumar não era hábito, mas cerimônia, a primeira função do fumar não foi a luxúria, mas o ritual. Introduz um obsessivo cerimonioso “[...] quem fumava pouco e sempre como forma de autocastigo [...] Se o fósforo não se acendia na primeira tentativa, não fumava”. A demanda inicial era eliminar o cerimonial para poder fumar em paz. Brill nos conta, satisfeito, que uma vez curada a compulsão, o paciente tornou-se um ardoroso fumante.

Faz-nos esperar dez páginas para introduzir Freud e seu histórico prognóstico, no segundo ensaio sobre sua teoria sexual, acerca do futuro que espera o infantil sujeito sugador, beijador empedernido e de beijos de fogo, como poetizara Mallarmé.

Encontra nesses casos a ocasião de provar a tese freudiana do fumar como substituto da masturbação, regressão ao auto-erotismo infantil que se planta no intenso sugar. Sempre que o fumar faz sintoma, isso acontece porque adquire uma “significação negativa”, diz Brill, e o neurótico se “exige” acabar com isso. Brill conclui suspeitando dos abstinentes e fanáticos opositores.

Como que fazendo parte de um cálculo do International Journal of Psycho-Analysis, o artigo de Brill acompanha-se de dois outros textos que o citam e “suplementam”. Um, de Eric Hiller, assistente de Ernst Jones, Algumas observações sobre o tabaco. Trata-se de uma enumeração das equivalências simbólicas possíveis; primeiro, as fezes, por sua envoltura formal; em segundo lugar, aparece o pênis, por fuga metonímica, e depois o sêmen. Não poupa os dispositivos, cachimbos e piteiras simbolizam pênis e vaginas. Os cachimbos, os havanas e as mulheres usam anéis de ouro. O simbolismo estende-se também aos atos, oferecer e acender cigarros – efeminados e mulheres aceitam, diz esse inglês; homens porfiam até aceitar o dom do outro. A masturbação e a mão que a acompanha encontram seu lugar, antes de introduzir as diferenças sexuais anatômicas, em que elas compensam a castração, e elas esperam o cigarro oferecido. Hiller pontua algo que Brill toma como óbvio: fuma-se pelo ganho que isso produz em significação fálica.

A terceira e modesta contribuição ao abismo é firmada por G. H. Green, que se pergunta pela significação da emissão de fumaça. O impasse desses contemporâneos de Freud pode ser elucidado por Lacan: “Quando o (a) não

funciona, o sujeito se entrega à metonímia infinita, lúdica, pura da cadeia significante” (LACAN, 1963). Cavalgando no encaço da ganância de prazer, não acompanharam o mestre em seu mais além, o mais-de-gozar.

A satisfação

“Do ponto de vista psicanalítico, não se deveria dizer que a droga se transforma no verdadeiro parceiro essencial, ainda mais, único do sujeito, um parceiro que lhe permite um impasse com respeito ao Outro e particularmente com respeito ao Outro sexual?” (MILLER, 1963, p.17).

Lacan (1968) comentou certo impasse interpretando sua audiência “[...] é preferível tomar notas que fumar, inclusive o fumar não é um bom signo em função de escutar o que digo. Não creio que se possa escutar bem através da fumaça”.

*À primeira vista, parece difícil admitir essa função para o fumar que, desde a origem dos tempos, funcionou como garantia de laço com o Outro; a eloquência sem palavras de um cachimbo da paz, o cigarro oferecido nas trincheiras, principal prática da affectio societatis da guerra. A Coisa tabaco e seu substituto, o objeto sublimado, podem ser oferecidos ao Outro, porém é para que este goze por sua conta. Lacan advertia sobre a “pouca substância” que em 1960 havia-se “[...] extraído das definições kantianas do sublime e de sua conjunção com o uso que não é provavelmente, nem somente por azar, nem homônimo, com o termo sublimação no centro da única satisfação permitida pela promessa analítica.” (LACAN, p. 4). Graças a outra afirmação surpreendente, “contrariamente ao que o frívolo pensa [...] o objeto sexual pode sair à luz acentuado como tal na sublimação,” (LACAN, 1960, p.12) podemos pensar a ponte consagrada que o tabaco pode construir entre Um e o corpo do Outro como sexual. No leito, compartilha-se um cigarro, porém não uma tragada. A iminência de um nascimento e a constatação da morte fazem série, com o leito, para fumadores eventuais. Em *Blue in the face*, continuação de *Smoke*, dirigida por Paul Auster e Wayne Wang, vemos Jim Jarmusch, desolado, antecipar sua falta, perguntar-se pelo destino do sexo depois de seu último cigarro, que se prepara para fumar. Poderá voltar a beijar? Desvanecer-se-á em fumaça a parceria? Não há nada como o*

que se fuma com o parceiro.

O sindicato de quitters aconselha a abandonar o leito do parceiro fumante, pois o cigarro pós-coito parece enraizar o mais duro dos lutos. A renúncia contém e explora o mais-de-gozar. Esse estado de falta proposto pela exigência de saúde para todos e longevidade para os dignos, propõe a renúncia como satisfação superior. Promove-se o mais-de-gozar da renúncia, o valor excedente do renunciar calcula-se em anos de sobrevida, cálculo que Fliess fazia cruelmente para Freud.

A parceria com Lady Nicotine, invento de Sir James Barry, autor de Peter Pan, tem sido consagrada pela literatura e o cinema e é como objeto sublime, que também entra na psicanálise; esse objeto não está muito longe da mulher, dizia Lacan. Cigana de obscuros ardis, vorazmente demandante e voluptuosa, essa Lady é uma Carmem/Eva venenosa. Só Kant, inveterado fumante, podia apre-ender o caráter ambíguo do sublime. É infinita a lista de poetas que o cantam, tangos saudosos, óperas que o choram, óleos e aquare-las. Fumar é um bem sublime porque é um mal, da tragada à cinza, tudo está aí.

Amigo de James Joyce, Ettore Schitz, sob o pseudônimo de Italo Svevo escreve, em 1923, A consciência de Zeno, verdadeiro teste- munho de passe. O relato de sua fumoanálise nada mais é que a história de suas resoluções de parar de fumar. O nunca mais, que carrega de valor de gozo do sublime seu eterno último cigarro, esva- zia-se quando a saúde, tartaruga perseguida, se equivale ao túmulo. Velho e saudável, identificado ao sintoma, reduzido à trajetória de sua pulsão, pára de fumar.

A universalização dos modos de gozar consolida uma nova mas- sa artificial, os fumantes, objeto crescente de segregação pelo obs- ceno de seu gozo, gerando a vergonha como índice de sujeito. Quando se oferece a satisfação de um objeto que de ágalma se transmutou em merda, a mirada do Outro da censura e o pudor produzido acu- sam a presença do sexo e do Outro e pode ser a ocasião de valer-se de um analista como parceiro que saiba se desvanecer em fumaça, na hora certa.

Notas

¹ Psicóloga. Psicanalista. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

Referências

- ALLEN, K. *Arsenic's better than nicotine*. <http://www.voicenet.com/~enc/arsenic.html>. Acesso em: 18 nov. 2002.
- BARRY, J. M. *My Lady Nicotine: a study in smoke*. Boston: H. M. Cadwell, 1905.
- BRILL, Abraham. *Tobacco and the individual* In: International Journal of psycho-analysis, v. 3, p. 430-444, 1992.
- CIGARETTE SEMIOTICS. – *cigarette seduction conference*. Brody, Alan. <http://www.tobacco.org/Misc/cigseduction.html>. Acesso em: 18 nov.2002.
- FOLEY, K. & MARY. *Blowing smoke*. Califórnia: Prima Publishing, 1997.
- FREUD, S. *Freud e a cocaína*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1989. KLEIN, Ricahrd. *Cigarettes are sublimes*. Landan: Lake University press, 1993, p. 43.
- LACADÉE, P. *Une pratique comme nouveau symptôme*. In: La lettre mensuelle 162, sept.oct. Paris: Ecole de la cause freudienne – ACF, 1997.
- LACAN, Jacques. *Aula proferida em 03.07.1963*.
- LACAN, Jacques. *O seminário – livro XV – O ato psicanalítico*. *Aula proferida em 24.01.1968, cap. VII*.
- _____. *Le seminaire – livre VII – L'ethique de la psychanalyse, cap.24*.
- LEVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. Companhia das Letras, 1976. MILLER, Jacques Alain. *Aula proferida em 09.07.1963, p. 17*.
- PEARCE, D. *The hedonistic imperative. Better living through chemistry*. Brighton: <http://www.hedweb.com/hedab.htm>. Acesso em: 18 nov. 2002.
- RIVAL, N. *Tabac, miroir du temps*. Paris: Librairie Académique Perrin, 1981.
- RODRIGUÉ, E. *Sigmund Freud, o século da psicanálise: 1895-1995*. São Paulo: Escuta, 1995.

SMOKING GLAMOUR. <http://www.cs.brown.edu/~lsh/docs/glamor.html> . Acesso em: 18 nov. 2002.

Smoking. Antologie illustrée des plaisirs de fumer. Théry, Thomas [Recherche documentaire] Haiouani, Daloula et Dartoux, Jean- Christophe [Iconographie]. Paris: Les éditions Textuel, 1997 .

SVEVO, I. La conciencia de Zeno. Barcelona : Bruguera, 1981. *SVEVO, I. Ecris intimes, essais et lettres*. Ed. and trans. Mario Fusco. Paris: Gallimard, 1973.